# CONHECIMENTOS UTEIS.

## NOVO METHODO PARA SE CREAR NO MESMO TEMPO E NO MESMO ESPAÇO MUITO MAIOR QUANTIDADE DE BICHOS DE SEDA.

4317 O METHODO de producções successivas de casulos é geralmente seguido na China, e na India. Consta-me que até tres colheitas de casulos, se obtiveram no mesmo anno, por differentes creadores dos Estados-Unidos. Tencionando experimentar tambem aqui este methodo, e introdusir ao mesmo tempo a semente, de uma nova e preciosa casta de bichos, recém importada, da China, para a Europa, chamada *trevoltini*, escrevi repetidas vezes, a alguns amigos na Italia, para que me mandassem uma pequena porção da dicta semente, a qual, pelo que ouvi se póde desenvolver seis ou septe semanas depois da morte da borboleta mãe. Infelizmente não me foi possivel obter, para este anno nem a mais pequena porção, talvez por ser a estação adiantada de mais. Não ha porém duvida alguma em fazer differentes colheitas com a semente commum, qualquer que seja a sua qualidade, adoptando o seguinte systema.

Parece que a naturesa dotou todos os viventes de uma constituição adaptada aos seus fins, e que os ovos dos bichos da seda, sendo destinados a perpetuar a sua especie, produsindo outra geração no anno seguinte, erão no estado primitivo depositados pelas borboletas, sobre as proprias folhas das amoreiras, ou de outras arvores, e ficavam assim expostos a todas as variedades do inverno. Ensina portanto a razão, e a experiencia o confirma que esses ovos não podem desenvolver-se senão depois de um certo periodo de tempo, e de certas mudanças de atmosphera. Desejando por tanto fazer differentes colheitas successivamente, o melhor será, procurar uma porção de semente bastante para todas as colheitas, que se tencionarem fazer, e guardal-a durante o anno, em logar muito fresco mas enxuto, cuja temperatura nunca seja para cima de 55.° de *Fahrenheit*, uma vez que se tenha a certeza de ter uma quantidade de amoreiras bastante para fornecer de abundante alimento os insectos das differentes creações: o que será necessario arranjar com um exacto calculo, será o espaço que os bichos terão de occupar, quero diser, os taboleiros. Supponhamos que um pobre lavrador, ou caseiro (a essa classe é que especialmente dediquei até agora, e heide sempre dedicar os meus insignificantes escriptos) possa crear 50,000 bichos, que são coisa de onça e meia de semente. Para accomodar esses interessantes hospedes, calculando 100 bichos por cada pé quadrado, na ultima edade, bastarão segundo o meu methodo, só 160 pés de taboleiros. — Será necessario dividir a semente em cinco partes eguaes, correspondendo perto de 10,000 bichos a cada creação, e os 160 pés quadrados de taboleiros e a progressiva vegetação das amoreiras bastarão para completar toda a colheita, de 50,000 bichos, no breve espaço de 75 dias. — Dividir-se-hão os taboleiros em tres partes: a primeira marcada n.° 1 será de 10 pés quadrados; o n.° 2 terá 50 pés, e o n.° 3, 100 pés quadrados. Desenvolvida que seja a primeira porção de semente os bichinhos occuparão o n.° 1 durante a primeira, e a segunda edade, o que será um periodo de 9 ou 10 dias. Depois do decimo dia passar-se-hão dos taboleiros n.° 1 ao n.° 2. Cinco ou seis dias depois se fará desenvolver a segunda porção de semente, e os bichos d'esta nova creação hirão occupar o logar dos primeiros ao n.° 1. O lote do n.° 2 cumprirá a quarta muda em coisa de 15 dias depois da passagem ao n.° 2, e então serão trasladados ao n.° 3, que é de 100 pés quadrados. Em mais 15 dias este lote já terá deixado os taboleiros para passar a enriquecer as sebesinhas com os primeiros casulos, e o espaço por elles deixado será immediatamente occupado pelos bichos do n.° 2, e a este numero passarão os bichos da 3.ª creação. Progredindo asim no mesmo modo se poderá ter uma nova creação todos os 15 dias, durante o verão, e o espaço e os trastes que não bastariam senão para um pequeno numero de bichos, servirão por este methodo, para crear uma porção d'elles cinco vezes maior. Outra e bem grande vantagem que resulta d'este meu systema, é a economia no pasto e no trabalho. Os arbustos, (principalmente se forem da qualidade, Multicaulis, cuja vegetação é mais rapida que a das outras amoreiras) que derão as folhas para os bichos da 1.ª creação, oferecerão já abundante nutrimento aos da 4.ª com as folhas da 2.ª vegetação, e assim successivamente com as outras creações.

Um só quarto, ainda que não seja, muito grande mas bem limpo e ventilado, é o de que se precisa para a quantidade de bichos, acima especificada.

Para mostrar a grande importancia de uma perfeita ventilação na casuleira, acabo de fazer a seguinte experiencia, que determina a quantidade de materias impuras, que se exhalam dos bichos mediante uma insensivel transpiração. Pesei 12 bichos já adiantados na 5.ª e ultima edade, de manhã, antes de lhes dar o pasto; pesei todo o alimento que se lhes deu nas 24 horas; tornei a pesar os bichos no fim das 24 horas e pesei os excrementos e os restos das folhas ou desperdicios, e obtive o seguinte resultado.

| | | |
|---|---|---|
| Peso dos 12 bichos antes da comida | 335 | grãos |
| Peso da folha consumida em 24 horas | 313 | « |
| total | 698 | grãos |
| Peso dos excrementos e desperdicios | 101 | « |
| | 597 | grãos |
| Peso dos bichos no fim de 24 horas | 424 | « |
| Perda de humores por transpiração | 173 | grãos |

Segundo este calculo 20,000 bichos na ultima edade exhalam em 24 horas, mais de 50 arrateis de humores mediante uma invisivel transpiração. Aglomerando 80 ou 100 mil d'esses insectos em um pequeno, immundo e pouco arejado logar, quem póde admirar se de que tão frequentemente aconteçam enfermidades, contagios, e destruição dos mesmos? vezes inumeraveis vi eu bichos enfermos deitados no pateo ou nos campos de involta com os desperdicios das folhas, e sendo assim expostos ás beneficas influencias do ar puro e livre, recuperar em poucas horas perfeita saude, actividade e força.

*L. W. Tinelli.*

—

N. B. Pela carta que o nosso colaborador e amigo, o Sr. Tinelli, teve a bondade de nos escrever,

enviando-nos o utilissimo artigo supra, soubemos, com entranhado pesar e lastima, que todos os seus projectos, a bem da cultura da seda em Portugal, projectos, em que tão racionaes e tão altas esperanças haviamos levantado, se acham já desvanecidos. ¿De quem foi a culpa (certamente não leve, antes de muita responsabilidade perante os presentes e os vindoiros) de abortarem tão auspiciosos beneficios? ¿Porque se não chegou a despachar a um estrangeiro uma petição, que além de despacho avantajado merecia premio e agradecimentos? Não o sabemos. E' entre tanto certo que a homens e não a uma cega fatalidade das coisas, se hão-de necessariamente imputar quanto prejuizo e vergonha d'aqui provenham.

O Sr. Tinelli já pelo paquete de 4 de abril mandou ao presidente dos Estados-Unidos, cujo consul é na cidade do Porto, requerimento para ser transferido a outro consulado, e não o havendo vago, acceitar-se-lhe a sua demissão. Pouco depois do S. Miguel haverá partido, levando comsigo a sua innumeravel colonia de amoreiras de todas as especies. Aquelle viveiro d'onde as provincias se podiam abastecer haverá desapparecido, e o que peior é — haverá desapparecido com elle o grande theorico e pratico da sciencia e arte seropédica, em quem tinham mestre certo e gratuito e benevolentissimo todos quantos, conhecidos ou desconhecidos, verbal ou epistolarmente, o consultavam: cujas nascentes officinas em breve se haveriam tornado uma escola e manancial de creadores e fiandeiras; e cujos filhos, finalmente, viriam a ser, creados e acclimados aqui, mais uma familia portugueza industriosa e prestadia: Dis aliter visum.

---

### VINHOS DO DOURO.

4318 Saíu á luz — *Vindicação de José James Forrester contra as imputações a elle feitas no parecer da direcção da associação commercial do Porto de 15 de março de 1845; e observações sobre o que no dito parecer se assevera a respeito do vinho do Porto; com um* post scriptum *sobre o folheto intitulado* — « a questão dos vinhos do Doiro, considerada politicamente. »

Lemos com a devida attenção este folheto, por versar sobre assumpto de grande tomo commercial para este reino, e já em nossa folha ventilado em diversos sentidos por dois correspondentes. Folgamos de que nos não seja permittido o intervir com voto n'uma questão, que passou de real a pessoal e já ferve ha muito tempo em grande fogo de odios: dis mos só que — o empenho manifestado pelo Sr. Forrester nos parece muito sensato, e muito conforme aos nossos verdadeiros interesses, pois se reduz a provar que — o vinho do Doiro se deve fazer puro e sem mistura para o commercio de Inglaterra. — Esta proposição parece-nos axioma, mas o Sr. Forrester prova-a ainda com argumentos, quanto a nós de grande pêso; e as prophecias que faz dos prejuizos, que nos póde trazer a final irremediaveis, o máu fabrico d'este precioso genero, devem pelo menos estimular a todos os patriotas e ao governo para olharem para este assumpto com a maior seriedade.

---

### PARA DESCORAR O VINHO.

4319 Nota o Sr. Isidoro José Gonçalves que o processo indicado no artigo 4249 carece de rectificação ou explicação, por dizer n'elle a sua auctora, que para esse fim se lança no vinho carvão, sem explicar de que especie, por que essa virtude descorante é só o carvão animal, vulgo *pós de marfim queimado*, que a tem, e não o carvão vegetal, nem o mineral.

Como estampando as receitas que se nos enviam, nenhum outro fim temos, nem podiamos ter, senão a utilidade ou de todos os nossos leitores ou de parte d'elles, não só publicamos mas agradecemos a emenda.

---

### EXCELLENTE POMADA PARA A CABEÇA.

4320 A maior parte das banhas, que se preparam para a cabeça são damnosas por serem muito mal feitas, e ás vezes até de banha não lavada e podre. Da formula, que apresento, uso eu ha annos, e sempre me tenho dado bem com ella.

Tutano de vacca. . . . . 3 onças e 2 oitavas.
Banha de porco bem preparada . 4 »
Agua de cidra. . . . . 1 »
Oleo de vergamota. . . . . 2 oitavas.

O processo de purificar a medula (ou tutano) é este. Depois do tutano derretido deve já estar uma bacia de mãos com agua fria, o tutano coa-se para lhe separar algumas impuridades, e deita-se n'agua mexendo-se com uma espatula; depois torna-se novamente a derreter e faz-se o mesmo já acima apontado. Em quanto ao processo da banha é o mesmo que para a pomada usual; porém depois derrete-se e junta-se ao tutano que já deve estar derretido tambem; deixa-se esfriar um pouco, e juncta-se a agua de cidra, e a final a essencia de vergamota, de lima ou outra qualquer menos activa.

*Theotonio.*

---

### SABONETES MARMORES.

*Do Sr. J. B. Lucio.*

4321 Desfaz-se sabão, e formam-se massas separadas a que se misturam algumas tintas, para que formem veias; amassa-se bem cada uma d'estas partes separadamente; depois ajumtam-se, e amassam-se todas juntas, misturando-lhes algum cheiro, e formando-se os sabonetes.

---

### OUTRA AGUA DE MELISSA.

*Do Sr. J. B. Lucio.*

4322 Alcool de 16 graos. . . . . 2 canadas
Summidades floridas de alecrim. . . . . 8 onças.
Folhas de alecrim. . . . . 7
Tomilho em flor. . . . . 1 onça.
Salva mansa. . . . . 1 onça.

Junta-se tudo, destila-se até ter saido todo o alcool e guarda-se.

---

### ACERCA DE RODAS DE ENGEITADOS.

*(Carta.)*

*Mirandella* 10 *de maio de* 1845.

4323 O espirito que dominou o auctor do art. 4106 da *Revista*, foi tão philantropico, e o brado que alli levantou tão justo, tão alto, e tão eminentemente humano e philosophico, que podemos afoutamente asseverar, que não encontrou leitor que deixasse de o acompanhar em sentimentos tão nobres.

Pela nossa parte, que mais de uma vez temos, com magoa, meditado, sobre a mizerrima condição de tão desprezados os entes, como os expostos, confessamos que nos calou até o coração o prazer de vermos elevar uma voz em seu favor, — uma vóz vigoroza — por que eccoou pelos ouvidos de tantos homens a quem está confiada a sorte de seus irmãos; — esta vóz foi a da imprensa.

Filhos, quasi sempre, de uma união pecaminos

(1) os expostos são arrojados ao labirinto do mundo como se foram animais abjectos: — o direito divino e humano é calcado aos pés e tudo se sacrifica a uma personalidade. — A auctoridade publica lança mão da creancinha quasi moribunda e acalenta-a; mas quando ella abre os olhos, para o mundo, e mais que nunca necessita ao pé de si quem lhe cohiba essas vistas indiscretas, a auctoridade publica desapiedadamente a lança ao mundo, a esse occeano tormentozo aonde o naufragio é certo para piloto tão inexperto.....

Já se vê pois que o nosso pensar se coaduna com o do auctôr do artigo relativamente aos fins; divergimos porém algum tanto em quanto aos meios; julgamos que os seus não são exemptos de algum perigo: a razão eil-a aqui: —

É bem sabido que o numero dos expostos é tão grande, que essas rodas estão atulhadas: e quantos infanticidios por ahi vão? esses a quem seus pais quizerão com uma morte prompta, e por ventura menos sensivel, livrar de um padecimento prolongado e dolorozo, esses não entrão nas rodas!! Ora se o numero dos expostos é tão grande, não obstante saberem os pais, quasi evidentemente, que estas creaturinhas ou vão perecer da maneira mais deploravel, ou curtir uma existencia dezastrada, que seria se os pais, expondo seus filhos soubessem que lhes iam grangear felicidade!

Se até agora os paes dos expostos faziam suffocar no coração os sentimentos de amor, religião e humanidade, quando engeitavão o fructo de seus amores, que aconteceria se, em vez de um mal certo, lhes grangeassem um grande bem da mesma forma certo, qual o de serem sustentados a expensas publicas até aos 7 annos, e depois entrarem em um azylo ou casa pia, aonde recebessem instrucção e aprendessem moral e donde haviam de saír um dia para aprenderem os maiores estudos nas escholas superiores até se habilitarem a viverem independentes? — o que de certo havia de acontecer era augmentar o numero dos expostos a ponto de que a instituição não havia de poder progredir.

Se os mesmos cazados, já agora, quando se vêem sobrecarregados de filhos e mizerias engeitam alguns antevendo-lhes o infortunio, que seria se por este modo lhes assegurassem uma fortuna, a que os irmãozinhos em caza nunca podiam aspirar? e como estes poderiam dizer — mais amigos se nos mostrariam nossos paes, se tambem a nós nos exposessem!!

D'aqui deduzimos, que sem melhor administração de justiça nesta parte, tal instituição por si mesmo havia caír.

Conhecemos quanto é melindroza esta materia, por que, devendo ter doído no coração de todos os nossos legisladores, a sorte d'estes miseraveis, ainda não houve providencia legislativa que tendesse a suavizar-lha, isto é depois dos sete annos de edade!

Não nos atrevendo por tanto, ingenuamente o confessamos, a dar o nosso voto sobre materia tão alta e tão complexa, diremos que sendo uma verdade, disgraçadamente tão notoria, que o haver expostos, principalmente nas pequenas aldeias, é devido, ou ao desleixo, ou a conivencia dos empregados, a quem encumbe vigiar por este ramo de administração publica, desejaramos vêr sancionada e posta em pratica uma lei, que impuzesse ao empregado convencido de tal crime, a pena de sustentar, á sua custa, o exposto ou expostos, cujo ser fosse devido a negligencia sua: — assim muito diminuirião o que principalmente devemos ter em vista.

*A. M.*

(1) Homens cazados ha que sepultados na mizeria expõem alguns filhos!

---

## DIREITO PUBLICO.

4324 Acaba de sair á luz, em Lisboa, uma grande obra de um grande homem — *Précis d'un cours de droit public* — do Exm.º Sr. S. Pinheiro Ferreira.

Fructo de meio seculo, como o proprio auctor confessa, de estudo, meditação e experiencia, este livro não póde deixar de ser recebido com veneração e agradecimento pelos espiritos elevados, que se applicam ás intricadas e espinhosissimas questões governativas e sociaes. Nós que reconhecemos, como toda a Europa, o altissimo logar, que S. Ex.ª occupa n'este genero de magisterio, e que além d'isso não podemos deixar de confessar a nossa incompetencia, a nossa quasi nullidade para este ramo, que é só elle mais que vasta arvore, floresta immensa de philosophia, nada mais podemos que annunciar respeitosamente, a apparição d'este escripto como um acontecimento publico, deixando aos discipulos de S. Ex.ª mais adiantados do que nós o invejavel encargo de lhe tecer a corôa. Estamos convencidos, e em toda a candura da nossa alma o disemos, de que muitas idéas admiraveis, luminosas, nobilissimas se devem encerrar n'estas paginas; e não é culpa da nossa vontade, mas só da nossa insuficiencia, senão começamos a ser já n'esta hora os seus primeiros evangelisadores.

A pequena discussão, que em materia diversa tivemos a ousadia de sustentar com S. Ex.ª, por convicções intimas e profundas, a vehemencia a que ahi chegámos, insensivel, involuntaria e forçadamente levados, podem ter porventura alterado em S. Ex.ª os sentimentos benevolos com que d'antes nos honrava; em nós o affecto o respeito, a admiração, com que sempre o acatámos, subsistem inalteraveis. Hoje para nós a maior satisfação seria podermos, por esta occasião, dar ao seu genio um publico e authentico testimunho de vassalagem; mas elogios banaes em assumptos, que apenas saudamos como hospedes, deshonrar-nos-hiam a nós, sem honrar a S. Ex.ª

## CARTAS ANONIMAS.

4325 Ha no inferno de Dante um genero de criminosos, que, por haverem cobiçado fama a troco de virtude, estão condemnados a um perennal e apagadissimo esquecimento: para essa região das trevas se deveriam mandar tambem os auctores de cartas anonymas injuriantes; ninguem havia de fallar e menos escrever de similhantes villões mais que ruins: é asco pôr-lhes as mãos, mas que seja para os justiçar. Só por este natural sentimento de vergonha se póde explicar o silencio, que ácerca dos anonymos teem sempre guardado os maiores escriptores, que por isso mesmo que o eram, não podiam deixar de ter visto, algumas vezes e muitas, a sua capa dilacerada por esses cães nocturnos. Composeram-se livros contra os traidores, contra os assassinos, contra os perjuros, contra os forçadores, contra toda a especie de máus e miseraveis, e contra os mais miseraveis de todos os miseraveis, contra os libellistas anonymos não se composeram: ¿e tambem que necessidade havia d'elles? ¡uma lei moral particular para condemnar aquillo que por mil leis moraes, que por todas ellas se acha defeso, aquillo que tão directamente contraria os sentimentos innatos de bondade e honestidade, que os proprios que o commettem não ousariam jamais a confessal-o! O *me, me adsum qui feci*, algumas vezes se ouviu da bocca do

assassino e do sacrilego, mas deitae pregão diante de uma carta anonyma, chamando pelo seu auctor!—toda a terra ficará muda:—e se para algum ente muito abjecto e muito torpe se voltarem com boas suspeitas os olhos dos circumstantes, esse mesmo corará, e ha-de balbuciar, que não foi elle.

Nós não pertendemos faser um ocioso tractado de moral contra esses sicarios da penna: essa gente não lê, e se lê não intende, e se intende não sabe emendar-se, e se o sabe não o póde, e se o póde não o quer.

¡Para que é fazer consideração do desamparo, ignominia e hediondez, em que um homem cae, quando fecha portas e janellas, espreita que ninguem escutará o rugir da sua penna sobre o pobre papel, começa a babar sobre elle o negrume do seu coração cancerado: depois pasmado da ignobil façanha, que perpetrou, relê para si em voz sumida, estudando se o rasgo de alguma lettra, se a feição de alguma virgula o não delatará, depois dobra, fecha, lacra e subscreve o nome da victima, que tanto medo lhe infunde, depois expede o tiro e fica pallido e tremendo, e já talvez arrependido com o pavor de que o suspeitem! A consideração do desamparo, da ignominia, e da hediondez de um tal homunculo, tem-n'a elle proprio tão viva como nós: ¿que poderiamos nós encarecer-lhe que uma voz saída d'entre as ruinas da sua consciencia lhe não houvesse murmurado antes do acto, gritado durante o acto, e trovejado depois da sua consumação? Para esse infeliz aventuremos uma só ponderação; é de moralidade tambem, mas a sua rudesa ainda talvez lh'a não sugerisse. ¿Qual é o motivo que te fórça a uma acção que em ti mesmo, em ti mesmo encontra tantas repugnancias? é o odio (nascido provavelmente da inveja) contra um homem a quem desejarias exterminar, mas em cuja presença te não atreves a levantar a voz. Muito bem; suppondo-te primo com-irmão da grão-besta, como te chamou um escriptor nosso, concebemos que lhe envenenes a agua e o pão, que lhe mines a lareira, que lhe dispares um tiro de longe, que lhe deites fogo ás arvores e á casa; concebemos ainda (sempre pela logica da tua prima com irmã) que procures semear os odios entre elle e sua mulher, entre elle e seus filhos, porque seus filhos e sua mulher são ainda partes d'elle; mas tudo o que transcender d'ahi, é absurdo até aos olhos da vingança, e mais absurdo se os teus golpes forem reflectir sobre os que são, como tu, inimigos d'elle, mais ou menos declarados: chegou a tua carta, foi aberta, foi lida, foi escrutada intrinseca e extrinsecamente, interrogada por todos os modos para se conhecer quem era o ignobil a quem se devia punir ou despresar, e o ignobil não foi descoberto, porque tu souberas tomar para isso todas as precauções, como um verdadeiro heroe da pusilanimidade: ¿mas quem te assegura de que uma indução verosimil, de que um concurso de circumstancias fortuitas, uma palavra, um gesto, um olhar mal interpretado, não farão apparecer, como culpado perante o foro intimo do offendido, um homem de bem, e que esse homem de bem não será ahi julgado injustamente á revelia, e que d'essa sentença se não seguirá a sua ruina? ¿Póde um Salomão, quanto mais tu, prediser todos os resultados remotos de uma primeira causa por menos momentosa que ella em si pareça? Armar uma machina infernal contra um inimigo e desparal-a no meio de uma multidão, podendo ser que só o inimigo fique em pé, são e illeso, não é já obra de perverso, obra é de demente rematado.

Mas nem isto préguemos a quem de juiso mostra ter tanto nas suas obras como de nome nas suas cartas: fallemos aos que teem nome e juizo que são os contra quem elles commummente se dirigem.

Em todos os tempos deveu sempre haver escrevedores anonymos. A inveja sandia e villôa é achaque velho na especie humana: não ha arvore genealogica mais illustre por antiguidade que a dos patetas mal creados. A raça dos anonymos brutaes não começou nos judeus, que, esbofeteando a Christo vendado, lhe diziam—adivinha quem te deu:—é coeva com o mundo, e o primeiro assassino que nelle houve, Caím, foi um assassino anonymo: se soubesse escrever talvez tivesse preferido a penna á queixada de burro. Em toda a parte os meritos, que attraem as affeições, dispertam egualmente, e por isso mesmo, os odios. Onde vão picar os insectos fructivoros? não é nos carrasqueiros de *Montemuro*, ou nas urzes da *Ovelhinha do Marão*, é nas larangeiras de S. Miguel. Já disso se queixava a nogueira de Ovidio, que a não apedrejavam os galopins senão porque lhe viam fructo. Grande consolação deve logo ser para qualquer o considerar que merece tantas sanhas a inimigos inviziveis que se envergonham de ser conhecidos como inimigos.

Isto é o que persuade a philosophia: mas como os primeiros momentos não são d'ella senão da natureza animal, póde acontecer que varões dos mais conscios de sua intrinseca valia se deixem a principio perturbar de quatro regras sem assignatura; nada doeu ao leão como o coice do asno que lh'o atirou sem o olhar e fugiu: assim é. Mas para essa doença do espirito, é que se ha-de ter o remedio da philosophia já prevenido de antemão: este remedio póde ser de mais de uma especie segundo as compleições. O excellente prelado, D. Fr. Caetano Brandão, lia todos os correios, antes de nenhumas outras, as cartas de um seu inimigo desbaptisado, e, quando se desenganava de que não havia n'ellas senão malevolencia e injustiça, orava a Deus, para que amansasse e recondusisse para o rebanho aquelle bode transmontado. Fontenelle, o grande philosopho pratico, sendo consultado por um auctor novo, a quem desesperava uma satyra anonyma feita á sua primeira obra, foi-se de carreira a um quarto escuro, e d'elle trouxe a rastos um saco de seis alqueires, que vasou no meio da sala:—«tudo isto, meu amigo, lhe disse elle, são impressos e manuscriptos, sem nome de gente e contra mim; quando m'os mandam, leio-os, se os leio; ensaco-os e esqueço-os como toda a outra gente.»—Um dos nossos actuaes ministros de estado costuma receber, de involta com a mais correspondencia, seis, dez, doze e mais cartas anonymas e fulminantes, todos os correios; já as conhece pela pinta; nem perde tempo a abril-as, e se alguma abriu por engano, mal descobre que lhe falta nome, logo a atira para o açafate dos papeis inuteis. Outro a quem os seus talentos tambem elevaram a ministro, e que o seu bom juiso alçou depois de ministro a lavrador, o nosso velho amigo, Passos (Manuel), manda as cartas anonymas, com que o brindam, para ser impressas nos periodicos.—Frederico, o Grande, da Prussia, pensava, como elle; viu defronte do paço um pasquim,

em que o chasqueavam, e muito povo procurando soletral-o, porque o papel tinha sido pregado em grande altura; como soube o que era e de que resava, mandou um official de sua casa, arrancal-o e pôl-o mais baixo para poder ser lido mais facilmente.

Nas diversas praticas de todos estes homens illustres, poderá cada um escolher e tomar para si o expediente, que mais conformar com seus principios, edade e temperamento. Para nós, o do actual ministro portuguez é o que preferimos. Carta sem nome escusam de nol-a mandar; perdem todo o seu dispendio de rhetorica, de logica e de ethica: — escusam de nol-a mandar, porque a não lemos, nem consentimos, em que a pessoa que nos lê, malbarate n'isso os seus momentos necessarios para outras coisas: vae direita ao lume: se emvez de não assignatura trouxer assignatura falsa, só será lida até ao ponto, em que a fraude se começar a descobrir; ao primeiro signal de intenção hydrophobica, o lume que a cure. D'esta maneira, o unico logrado haverá sido o parvo, que esteve gastando o seu tempo sem proveito. D'ahi por diante, não lhe fica senão um recurso, e é vir procurar-nos em nossa casa, com voz de falsete, mascarado e disfarçado no que melhor lhe parecer, em *bravo* de Venesa ou em bobo, por exemplo; e dizer-nos verbalmente o que por escripto já não póde. A idéa é boa, aconselhamos-lhes que a adoptem. Não temam envilecer-se; pelo contrario, ahi ha já alguma sombra de perigo, que nobilite a sua infamia.

Parece-nos que de quantos remedios se podem tentar contra esta praga dos nossos dias, de que muitissima gente boa se nos tem queixado, nenhum mais assisado, nenhum mais efficaz do que este — de queimar o anonymo em retrato, sem lhe ter feito a honra de olhar para elle; — e é por isso que nos afoitamos a encorporar este pobre artigo entre os *conhecimentos uteis*.

Se as receitas para exterminar insectos importunos e asquerosos são n'esta parte bem cabidas, como o não seria esta, cujo fim, em materia diversa, é com tudo tão analogo!?

Não concluiremos sem pedirmos, outra vez, perdão a nossos leitores de lhes havermos, no precedente numero, appresentado a nojenta carta anonyma de Coimbra: quando a recebemos, ainda não haviamos adoptado o systema, que deixamos aconselhado e que d'ora avante seguiremos invariavelmente. Aquella indigesta escripta nos irritou, confessamol-o, pela maldade, pela injustiça, pela ingratidão, pela tontice e pela torpesa que respirava, e se ja louvavel seja rep censivel, cedemos n'aquelle primeiro impeto ao desejo da vingança; não querendo arrancar o rebuço e a mascara ao nosso valentão, levámol-o ao meio da praça e por cima mesmo da mascara o esbofeteámos; — mas, declaremol-o tambem, não foi só o estimulo da vingança quem nos forçou; outro mais racional e mais nobre lhe accreasceu; os lacedemonios expunham aos olhos da mocidade, no meio dos jogos publicos, um escravo ébrio para que na hediondez d'aquelle exemplo se tomasse asco e horror a tão bruto vicio: nós imitámos os lacedemonios.

—

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

—

### D. GUIOMAR NUNES.

*7 de junho de* 1650.

4326 Ha tanto nome intruso na historia, que faz pelo menos zanga vêr muitos, dignos de se estamparem nas primeiras paginas dos seus fastos, quasi ignorados.

Por isso vâmos hoje fazer uma reparação solemne, dando cabimento nesta nossa serie de commemorações historicas, a uma heroina portugueza, que seria segunda Lucrecia romana, a darem-se eguaes circumstancias ás daquella tão fallada matron.

O doutor Pedro Nunes, cosmographo-mór do reino, tinha uma filha, que era não só a menina dos seus olhos, mas de toda Coimbra, sobretudo da Universidade, pela qual, e mormente dos capoeirões jubilados, era mui cortejada, em razão, assim da sua pasmosa formosura e gentilesa, pois não tinha coisa que não fosse do pincel de Appelles, como das suas raras prendas e discrição.

Tinha porém tanto de desdenhosa quanto de bella. Havia engeitado muitos casamentos, fazendo rosto a *noivos maduros*, que taes eram os que o pae lhe aconselhava.

Um vizinho que lhe ficava fronteiro, d'estes mancebinhos sem lastro, *felizes*, como se elles chamam, rapaz-gentil-homem, de nascimento, de teres futuros, e mui dextro n'estas pilotagens amorosas, começou a requesta-la. Com taes partes, n'um concurso d'aquella ordem, os doutores da universidade, e ainda o mais pintado estudante que n'ella cursasse, ficavam-lhe de certo a perder de vista.

E assim foi: D. Guiomar (tal era a sua graça baptismal: merecia bem outro nome), D. Guiomar deu benigno acolhimento ás pretenções do visinho; entregou-lhe o segredo dos seus affectos; não indeferiu nenhuma das petições que lhe fez o seu refalsado amante, o qual, com promessa de casamento, que é a isca d'estes infames pescadores do procelloso oceano erotico, chegou aos ultimos atrevimentos, — como diria o fecundissimo e recatado auctor das *Armas da Castidade*.

Durou por muito tempo esta correspondencia, porém já menos acautellada com a fé dos esponsaes. Como D. Guiomar visse, pela dilação, e fingidos pretextos do amante, que a sua palavra se tornava suspeitosa, tomou a resolução de o mandar citar perante o bispo de Coimbra, o qual lhe fez as perguntas do estylo na egreja de S. João, presentes os paes do citado e da supplicante, ella mesma, e muitas testemunhas.

Negou o seductor a promessa e palavra de casamento! Então D. Guiomar, com a vehemencia da paixão, e por um rasgo de heroico valor, pucha de um canivete que de prevenção levára, e dá-lhe no rosto um furioso gilvaz, castigo peremptorio da sua aleivosia.

Acudiram os circumstantes ao aterrado mancebo, a tomar-lhe o sangue da ferida: D. Guiomar, muito serena, pôz-se de joelhos, e voltando-se para Deus, e depois para o Sr. bispo, lhes pediu perdão d'aquelle desacato.

O bispo, não sabendo determinar-se em *caso tão novo*, a mandou com bom recato depositar de sua mão, pelos seus ministros.

O pae foi logo ter com as freiras de Sancta Clara, para lançarem a D. Guiomar o veo de religiosa. Sabendo porém ella, que os parentes do ferido (aliás do marcado) com outra muita gente armada, a esperavam na ponte do Mondego para a matarem, pediu que a levassem ás costas de um gallego, em uma canastra em que ía cera para o convento, animando o timido portador a que não tivesse medo, porque Deus, a quem ía servir, o defenderia.

As freiras, que a esperavam com muita anciedade, a receberam com o maior alvoroço, e assim ficou a espera frustrada e a vingança escarnecida.

D'alli por diante, conta-se que a sua primeira oração diaria, era por que Deus livrasse a todo o fiel christão dos máos visinhos do pé da porta.

Agora diremos nós para epiphonema. Se houvesse muitas Guiomares, quantos não haveria ahi com a cara mais retalhada que a de um façudo negro da costa de Mina! *A. da Silva Tullio.*

---

## SUPERSTIÇÕES POPULARES NO MINHO.

*(Carta.)*

*Porto 7 de maio de 1845.*

4327 Tenho lido na *Revista Universal Lisbonense* diversas receitas para curar sesões, mas nenhuma como esta, que ha pouco me ensinaram e de que usa por aqui a gente do campo.

O achacado vae a um sitio remoto, e ahi põe uma fatia de pão, um pucaro de vinho, um pedaço de panno, e alguma palha, e profére por tres vezes estas palavras: — « *Maleitas! aqui vos fica pão para comêres; panno para vos limpares; vinho para beberes e palha para vos deitares:* » e foge deixando assim arranjadas as sesões; mas se ellas não estão para ficarem ao sereno, e tornam com a pessoa para casa, fica averiguado que provieram de maleficio e já se sabe que é necessario recorrer a *fonte limpa*, — a alguma impostora que comerá das sesões á regalada. No estenderête, que se deixou no sitio remoto, ninguem (que for amestrado em coisas taes) se atreverá a tocar; porque as sesões que alli ficaram degradadas infallivelmente saltarão para o corpo da pessoa ou animal que lhe bolir. — Cuidará V. que visto ser este o tractamento das sesões nenhumas jámais se curarão; não é tanto assim: porque afóra este remedio em que os aldeãos teem bastante fé, sempre, pelo sim pelo não, vão recorrendo tambem aos do facultativo: é andar a dois carrinhos: chamam-lhe elles *procurar o seu remedio por uma parte e por outra.*

Aprendi tambem a talhar as *dadas*: (dentro em pouco não me ganhará a melhor curandeira, tenho modo de vida para a velhice.) — Fazendo circulos sobre a parte, que padece, diz a benzedeira, até chegar ao bemaventurado numero tres: « *Por aquella serra acima, vão dois machos com dois ôdres, caíram os machos, arrebentaram os odres, assim arrebentem os olhos dos máus olhadores.* » —

Uma pontada ou outro qualquer incommodo repentino é que se denomina *dada* ou *má olhadura*: uns confundem os dois males; outros mais peritos os distinguem.

A mulher grávida, nas aldêas, não traz chave á cinta (como usa quando sae se está livre) sob pena de lhe nascer o filho aleijado: nem no dito estado vae servir de madrinha a uma creança, pois crê que lhe morreria ou o filho ou o afilhado: — e esta superstição não é seguida só por gente rustica mas por algumas pessoas que tinham obrigação de não serem tão parvas. Geralmente no Porto e circumvisinhanças se acredita mais que, em uma mulher gravida cheirando uma flôr, ha-de o filho trazer nodoas no corpo ou rosto.

De tudo isto me ria eu com vontade, que era inteiramente rebelde a dar credito a tudo aquillo que a razão me dizia ser incrivel; o magnetismo veio converter-me. Em quanto elle brincava lá por paizes estranhos parecia-me assim quasi um conto da carochinha!... mas hoje que nos vem somnambulisar a nossa casa, não ha remedio senão acreditar possiveis as maiores impossibilidades. O magnetisador pelo que oiço é a pedra iman ou o sapo, e o magnetisado o ferro ou a doninha. Ah! que se uma dessas chamadas mulheres bentas podesse aprender a magnetisar, levaria apoz si o mundo em pêso nas aldêas.

O feiticeiro que foi preso em Monte-mór-o-novo e que se dizia do concelho de Bouças, será acaso discipulo de duas desembruchadeiras, que segundo se me conta, fazem em Bouças coisas do arco da velha? Entre outras indignas manobras *dizem missa na cabeça de um homem*; para esta indecente e criminosa charlatanice apertam uma saia pelo pescoço e pousam um missal, ou livro que o pareça sobre a cabeça d'um homem que se põe de joelhos, e começam gesticulando e berrando em uma algaravia que chamam latim. A estupidez e brutalidade conduzem a tantos erros como a mesma impiedade. Já uma destas duas benzedeiras teve uma aula da sua arte a que iam homens e mulheres; e foi por isso presa; mas é muito forte a tentação da mandriice; depois que se viu livre continuou a exercer o seu officio; mas creio já o não ensina, ou com medo ou para não perder os freguezes.

A molestia que hoje dizíma os gados em muita parte não tem que fazer nas aldêas do nosso Minho, que alli não adoece animal que não seja em virtude de alguma *aragem* ou *coisa ruim*, e por esses males teem os camponezes o remedio de os defumarem com differentes hervas, benzendo-os ao mesmo tempo com umas calças, e mandando o mal que lhes empece, para o mar coalhado. Se trastes de gente teem valia para curar animaes, em paga, objectos d'estes a tem para curar gente. Vai o doente de bertoeja a uma córte de porcos e esfregando-se com a palha em que elles se deitaram, diz: *assim como porcos e porcas comem aqui, assim tu bertoeja sáias d'aqui.*

Mais comico que isto é ainda o talhar a molestia a que chamam *tezorelho* ou *tezorelha*! Sobre o pescoço de quem a padece, se poem um jugo ou canga e diz alguem tres vezes sem tomar o folego: *assim como boi e vacca canga aqui, assim tu tezorelho sae daqui.*

Estas ridiculas receitas não podiam deixar de ser inventadas por algum maganão, que se quiz divertir com a credulidade da gente rustica.

Quem se acha incommodado com uma íngoa fita os olhos n'uma estrella sem pestanejar, e repete tres vezes: *estrella, a minha íngoa diz que seques tu, eu digo que seque ella e que medres tu.*

Estes modos de talhar os males não são os unicos in-

falliveis : ha muita diversidade sobre isto, porém quanto maiores são os disparates, parece que mais fé inspiram.

As abusões d'estas partes creio que em todas as nossas terras são conhecidas. Na vespera de S. João, á meia noite vão os individuos, que padecem de sarna, rolar-se nús sobre um campo de linho, e ás vezes saem da cama para irem tomar aquelle banho de orvalho: é uma especie de hidropathia. A' mesma hora na mesma noite os rendidos passam pelo carvalho cerquinho. Racha-se para este effeito um que seja tenro, e o padrinho do menino rendido passa este pela abertura, e a madrinha o recebe nos braços; depois ligam o carvalho e, se elle solda, está curada a rotura.

A madrinha da criança, que não falla, leva o afilhado dentro n'um folle e vai a tres casas que tenham a porta para o lado do mar aonde diz: — esmola para o menino do folle que quer fallar e não póde. — Aquellas tres esmolas (que em nenhuma das tres casas lhe negam um bocado de pão) se fazem comer ao pequeno, que depois fallará forçosamente (se não é mudo bem entendido).

De V. etc.
*Uma Obscura Portuense.*

---

### A RUA DOS ARMENIOS NO PORTO.

4328 Nem sempre as chronicas nos contam a historia do paiz; muitos e muitos factos estão memorados em cousas que o geral do mundo reputa de pequena entidade, como por exemplo uma pilastra, uma inscripção posta em um cunhal, o nome de uma rua, d'um beco etc. A historia não está só nos livros, e quem fôr curioso e critico deve-a estudar nos monumentos, nos marmores que fallam ás vezes mais claro, e são mais authenticos que quantos livros escrever possam os melhores chronistas. Muitas vezes passámos pela rua dos Armenios e fez-nos impressão este nome, perguntámos a algumas pessoas antigas e não tivemos resposta que nos satisfizesse; quando por acaso encontrámos a seguinte noticia.

Ninguem haverá na cidade do Porto que ignore o nome do Sancto Padroeiro d'ella — S. Pantaleão, — porém muitas haverá que ignorem como as reliquias d'aquelle Sancto se acham na sua cathedral; e mais ainda que o nome da rua dos Armenios está ligado com ellas.

Foi S. Pantaleão natural de Nicomedia e alli padeceu martyrio — as suas reliquias foram levadas a Constantinopla e depositadas no templo da Concordia. Tomada e destruida esta cidade pelo sultão Mahomet sendo d'ella e do oriente Imperador Constantino Paleologo, em 28 de maio de 1453, uns gregos e armenios poderam tomar o tumulo do Sancto de que eram devotissimos, e embarcando-se com elle aportaram no mesmo anno da ruina de Constantinopla, na cidade do Porto, e foram depositar o tumulo na egreja de São Pedro de Miragaia, proxima ás margens do Douro.

Arruaram-se estes armenios junto d'aquella egreja, e a este sitio se ficou chamando a rua dos armenios, nome que ainda hoje se conserva.

Passados quarenta e seis annos, em 12 de dezembro 1499, foram as reliquias metidas em uma arca de prata que lhe legou El-Rei D. João II e transportadas para a Sé, sendo Bispo D. Diogo de Souza. (1) Ainda hoje se conservam no altar mór da Sé as reliquias de que fallamos, porém a arca, como era de prata, houve quem respeitasse mais o seu interesse que o culto ao Sancto, vergonha é dizel-o; foi ha bem poucos annos roubada, e ainda hoje se ignora como! Quem foi, Deus o sabe, e elle lhe tomará conta. *A. da Silveira.*

---

### UM PASSEIO Á QUINTA DE S. CRUZ.

(*Carta.*)

*Porto 9 de maio de 1845.*

4329 Na quinta chamada de Sancta Cruz, que pertence á mitra do bispado do Porto e está arredada d'esta cidade legua e meia, ha um carvalho a que chamam o *focinho de porco* pela sua configuração. E' por ventura a arvore mais antiga do Minho. Está elle já decrepito e perdeu a belleza que ha alguns annos tinha. Seu tronco tem uma cavidade aonde se poderia deitar um homem bem á larga. Na base tem quarenta e tantos palmos de circumferencia (custa a medir pela posição em que se acha) mas seu tronco não é muito elevado. Seus ramos, que eram da grossura de grandes arvores, estendiam-se magestosos ha alguns annos, mas foram cortados (creio que para ver se o remoçavam): tem agora a ramagem de um carvalho ordinario. E' elle conhecido de todas as pessoas dos arredores que o olham quasi com veneração, e dá o nome ao sitio ande está, que outro tempo foi seguramente um formoso e melancolico sitio, melancolico ainda hoje é, mais de certo que antes. A poucos passos corre o pequeno rio Leça entre duas fileiras d'arvores; e quasi junto ao *focinho de porco* cae de grande altura uma onda pura por d'entre es cavidades de uma cascata, que hoje está sumida por grandes ervanços e arbustos silvestres: aos lados d'esta estão dois derrocados mirantes de bem trabalhada pedra, e que tinham por docel uma arvore. Toda a quinta está cheia de ricas escadarias cobertas de silvas e hervas, de fontes quebradas e seccas, de piramides caidas, de ruinas, finalmente d'um lado a outro. A destruição vem de longe, e não se póde talvez obstar ao seu inteiro complemento; que bella coisa seria comtudo que S. Ex.ª intentasse salvar o palacete e alguma coisa mais! Aquella quinta foi rica em arvores, hoje está quasi *dessombriada*. O *focinho de porco* e uma formosa e extensa rua bordada de murta, que de certo são contemporaneas do velho carvalho, pois se elevam á altura de grandes arvores, é tudo o que vai ficando do antigo arvoredo, e oxalá que fique os annos que a natureza o permittir. Quem passeia pela a quinta de Sancta Cruz não póde deixar de repetir:

Que de trabalhos perdidos!
Que de oiro lançado em vão....

Com temor de estragar estes versos, como o tempo e a mão do homem estragaram as lindezas de Sancta Cruz, me interrompo, que não devo muito á minha memoria.

De V. etc.
*Uma Obscura Portuense.*

---

(1) Agostinho Rebello na Historia das antiguidades do Porto, quando falla em D. Diogo de Sousa diz, fôra elle quem fizera ir para a Sé as reliquias, e desde então foi Pantaleão considerado como Padroeiro da cidade.

### A UMA JOVEN.

Ah! laisse moi toute ma vie
T'offrir mon culte ou mon amour.
*M. de Lamartine.*

4330 Em meio de rochas, mimosa florinha,
Ah! como brotaste na fera estação!
Aqui mal podias, tão fraca, e sosinha,
Resistir à sanha de rijo tufão!

Aqui, é difficil que limpida fonte
Conforto de vida te venha trazer,
Porque não definhes n'este arido monte,
Onde com tal brilho lograste nascer,

Mas lá das alturas saudavel rocio
Próvido em teu calix derrama o Senhor,
E quando tudo arde no férvido estio,
Em doce bafagem te manda frescor.

E por te abrigarem dos ventos possantes,
Que até fortes robles ameaçam aqui,
Quer que inda prosperem arbustos bastantes,
O' candido lirio, de roda de ti.

Vive pois, recende na alpestre montanha,
Gosando continuo do amparo do ceu,
Com que não succumbas á furia tamanha
Da negra procella, que ha muito se ergueu.

Linda Emilia, anjo celeste
Tu vieste
O triste mundo animar,
Como estrella, que ao errante
Marcante
O temor vem minorar.

E's qual echo mavioso,
E saudoso,
Que das fragas da soidão,
Ao viandante fatigado
Manda um brado
De paz e consolação.

E's qual fresca e doce brisa,
Que suavisa
D'estiva tarde o calor,
Qual corrente que murmura
Na espessura
Com sussurro inspirador:

Como Iris que o rosto lindo
Descobrindo,
Na cerração vem fulgir,
Tu com lisongeira esp'rança
De bonança
Nos encantas o porvir.

Esse angelico surriso,
Que diviso
Em teus labios virginaes,
Do ceu imagem serena,
Quão amena
Faz a existencia aos mortaes.

Meiga pombinha consente
Levemente
Que se oiçam arrulhos teus!
E's do Empyreo mensageira
Prazenteira
Que trazes bençãos de Deus.

Teu accento doce e brando
Escutando,
O meu fado esquecerei,
E este viver de tristura
Por ventura
Todo delicias verei.

Bella Oréade, mimosa
Como a rosa
Co'a frescura da manhã,
Ah! deixa-me offerecer-te
E render-te
Minha affeição pura e chã.

*A. Cabral Couceiro.*

## NOTICIAS.

### TROVOADA.

4331 Ás dez da noite de 28 uma trovoada, que desde a tarde se tinha presentido sobre Lisboa, rebentou com direcção de poente para nascente e tamanha furia, que fez lembrar a de 20 de junho preterito, devendo-se por ventura o não a ter egualado á promptidão, com que um chuveiro abundante a resolveu. As bombardadas foram poucas mas valentes, e tão immediatas aos relampagos, que bem mostravam a imminencia do perigo. De feito cairam alguns raios; de dois dos quaes ficaram vestigios. O primeiro desceu em espiral por uma das arvores do campo de Sancta Anna: o segundo entrou pela chaminé e saiu por uma janella da sala da Sr.ª D. Maria da Luz Ganhado, visinha do mesmo sitio. Na sala estava reunida uma sociedade numerosa; jogava-se e tomava-se chá, quando o horroroso hóspede appareceu e desappareceu. Para raio não podia ser menos descortez: respeitou o oiro dos enfeites das damas como respeitou o dos jogadores; não fez mal a ninguem: e unicamente para provar, que se o quizesse bem o podia, ao expedir pela janella, arrancou uma valente acha de madeira do Brazil e a atirou ao braço de um servente que ia passando com uma bandeja de doces. Tudo se redusiu a uma nuvem de bolos atirada pelos ares.

### RESTAURAÇÃO DE UM ANTIGO MONUMENTO.

*Extracto de uma carta do Sr. José Ferreira Monteiro.*

4332 Uma legoa distante ao sul da cidade de Penafiel, está a freguezia de S. Pedro Apostolo, d'Abragão. A sua egreja, que é padroado real, foi erecta no anno do 1200 pela Preclara infante D. Mafalda, filha d'elrei D. Sancho I., e da rainha D. Dulce, que tendo casado em 1215 com Henrique I. de Castella, regressou a este Portugal em 1217, onde deu sua alma pura ao Creador no 1.º de maio de 1256.

Este monumento tão significativo da piedade real da sua fundadora, ainda fôra augmentado e reformado

no anno de 1600 pelo distincto abbade Ambrosio Gonçalo Dias.

Extenso e primoroso era o venerando edificio, mas incompleto pela falta de uma torre.

Não tinham meios para empreender a obra os parochianos: mas foram os seus desejos attendidos por Deus. Um piedoso filho da mesma freguezia, o Sr. José Antonio de Mattos (residente no Brazil) fez levantar, a expensas suas, uma formosa torre, que concluiu e guarneceu de sinos apropriados, e ornou com um relogio, no anno de 1822.

Poucos annos eram passados, e já o tempo havia cortado ao edificio muita da sua bellesa, ameaçando-o com total ruina.

O mesmo Sr. Mattos outra vez lhe accóde, e encarrega de faser o completo reparo do templo ao Sr. Francisco Monteiro Guedes Meirelles Brito, o qual mui dignamente soube desempenhar-se.

As obras estão concluidas, e o venerando edificio, cuja origem pouco cede em antiga á da monarchia, ahi se alevanta agora soberbo e remoçado.

Foi alli que o Sr. José Antonio de Mattos recebêra o Sacramento do baptismo, e foi aquella mesma egreja, que oitenta e tantos annos depois, estando ausente em outro hemispherio, elle fez surgir de entre as suas ruinas: mas se para o Sr. Mattos ha de ficar sendo este um monumento da sua piedade e patriotismo, não devemos deixar sem agradecimento e gloria o Sr. Meirelles e Brito; digno e fiel executor das suas vontades, que fez por conservar na reedificação o mesmo cunho e caracter primittivo do edificio.

---

**DEMOLIÇÃO PARA ALGUMAS SAUDADES.**

4333 Está-se demolindo a egreja de Sancto Antonio de Val de Piedade. esta egreja achava-se com a abobada abatida e sem os ornatos de madeira desde que foi incendiada no tempo do cêrco. Era uma edificação, se não de grande merecimento artistico, classica; pelo seu local, o segundo templo de Villa Nova, e sem outros na visinhança. É mais uma providencia que attesta tristemente da superintendencia do governo civil no aproveitamento dos edificios nacionaes.

*P. dos P. no Porto de 27 de maio.*

---

**SACRILEGIO.**

4334 Esta madrugada (29 do passado) foram os ladrões á egreja parochial do Bomfim; entraram por um buraco que abriram na parede no sitio d'uma porta fingida, e servindo-se de uma escada tosca que estava n'umas obras nas *Antas*, roubaram 4 coroas pequenas e o resplendor do crucifixo da banqueta; abriram a porta do sacrario com gazua, lançaram as particulas sobre o altar mór e levaram o vaso sagrado: subiram acima de tres altares, mas nada levaram d'elles por encontrarem resistencia nas vidraças, deixando escriptas nas toalhas as pégadas, que eram de homens de tamancos. O valor do roubo é de cinco moedas. Prendeu-se esta manhã um pedreiro das obras das *Antas*, que reconheceu a escada ser de lá, e disse que esta noite os seus companheiros não haviam dormido lá. O rombo foi uns oito palmos de largo e meio de alto; foi lhes preciso arrancarem grossas pedras, o que indica terem entrado pedreiros.

*P. dos P. no Porto.*

**TOIROS.**

4335 Domingo primeiro do corrente, começaram as corridas de toiros na praça do Campo de Sancta Anna.

Que este é já um espectaculo a que muita gente se vai envergonhando de assistir, o provou a pouquissima concorrencia d'esta primeira tarde. O que as auctoridades se eximem de faser, como lhes cumpria, fal-o-ha por fim o publico espontaneamente.

Não só o bom senso, a civilisação, e a humanidade se oppoem a tão feroz divertimento, senão tambem, e mui expressamente, uma das constituições do patriarchado, promulgadas pelo cardeal infante D. Henrique; por força da prohibição posta pelo papa Pio IV., no anno de 1567, cuja substancia é esta:

« Todavia ainda agora em muitas cidades e outros « logares, muitos homens pera mostrarem suas forças « e ousadia, em publicos e particulares spectaculos, « nam cessam andar a toiros e outros animaes feroses, « d'onde muitas vezes se seguem mortes de homens, « cortamento de membros, e perigos d'alma. Pello « que nós, considerando estes spectaculos, em que « se correm touros e feras, em corro ou praça, se- « rem alhêos da piedade e charidade christã: e que- « rendo de todo tirar estes crueis e torpes spectacu- « los de demonios e não de homens; e prover quan- « to com ajuda de Deos podemos á saude das almas, « por esta nossa constituição, que perpetuamente se- « rá valiosa, prohibimos e defendemos a todos e cada « um dos principes christãos, constituidos em qual- « quer dignidade, assim ecclesiastica como tempo- « ral, inda que seja de imperador, rey, etc. sob « as penas de excommunhão e anathema, que em suas « provincias, cidades, terras, villas e logares nam « permittam fazerem-se os ditos spectaculos em que « se costuma correr touros e outros animaes féros. E « assim defendemos aos cavalleiros e todas as outras « pessoas, que nem a pee, nem a cavallo, ousem « andar a touros, e a outros animaes féros, nos ditos « espectaculos: e se algum d'elles ahi for careça de « sepultura ecclesiastica.

« E tirâmos e annullâmos todas as obrigações, ju- « ramentos e votos até gora feitos, ou que ao diante « se fizerem (que totalmente defendemos, se nam fa- « çam per quaesquer pessoas, universidades ou col- « legios) de correr touros, inda que seja (como elles « falsamente cuidam) pera honra dos santos, ou de « quaesquer solemnidades e festas ecclesiasticas, as « quaes com louvores divinos, e alegrias spirituaes e « obras pias, e não com os ditos jogos se devem ce- « lebrar e honrar.

« E queremos que as presentes lettras se publiquem « como é costume, e se escrevam entre as constitui- « ções que perpetuamente ham de valer etc. »

Esta constituição, incorporada nas do patriarchado, não está derogada, ao menos expressamente; é logo da competencia da auctoridade ecclesiastica curar da sua observancia.

A este escandalo, de se correrem toiros na capital; juncta-se outro, de todo o ponto singular: ser a beneficio da casa-pia! Faz lembrar... muita coisa...; mas sobre tudo, as leis penaes dos primeiros seculos da monarchia, em que o rei tinha de todos os crimes e malfeitorias, uns tantos maravedis, pagos pelos culpados. Era parte do seu patrimonio; quantos mais

crimes havia, melhor para o bolsinho real. Assim é a casa-pia; se maior fôsse o verão, maior era o rendimento que tinha. Estava no computo, das corridas, como o apanagio real dos maravedis, na multiplicidade dos crimes!

¿Porque se não tracta sequer de substituir este espectaculo por outro, que junctamente divirta e instrua? O Sr. visconde de Sá da Bandeira, lembrou já o haver theatro de tarde, nos dias sanctificados, o que pela novidade attrahiria muita gente, e faria esquecer os toiros. Este ou similhante alvitre se deve adoptar, afim de se proscrever um espectaculo, que nos está envergonhando aos olhos das nações civilisadas.

*Silva Tullio.*

---

**IMPORTANTE DESCUBRIMENTO DA POLICIA.**

4336 Constava á policia que n'um segundo andar das *escadinhas de Sancto Estevam*, bairro da alfama; se costumavam congregar, a deshoras, pessoas desconhecidas e de ruins mostras: certificou-se do caso, na noite de 1 para 2 do corrente, e já tarde, fez cercar o predio: esperou-se até sol fóra, e então intimaram aos de dentro que abrissem. Abriram estes sem resistencia, entrou-se; e deu-se busca. Achou-se grande quantidade de gazuas, chaves, alavancas e mais utensis de officio de ladrão, ferramenta que pesou assás para carregar a dois gallegos. As pessoas, que se colheram e estão presas, foram cinco homens e tres mulheres das quaes duas trajadas como senhoras.

---

**INFANTICIDIO.**

4337 Havia já muito que não tinhamos a lastimar d'estes attentados. No dia 4 do corrente porém, appareceu á bocca de uma sargeta, na rua da Flor-da-Murta, um recém-nascido morto violentamente, e cosido n'um oleado.

---

**FECUNDIDADE.**

4338 Na aldeia de *Pae Pires*, uma pobre mulher do campo acaba de dar á luz tres rapazes, que todos logram perfeita saude. A mãe está na melhor disposição. E' o sexto parto; e dos cinco anteriores tem seis filhos todos vivos, e muito robustos.

*Correio Portuguez de 31 do passado.*

---

**CUIDADO COM CREANÇAS.**

*(Carta.)*

*Moncorvo 29 de abril de 1845.*

4339 Tudo o que póde contribuir para escarmento e cautella em evitar desastres não é ociosidade relatal-o. Vejo que esta é tambem a opinião da *Revista* e ainda bem que talvez alguns infortunios se tenham evitado em consequencia de seus repetidos avisos e documentos. Vou pois referir-lhe o que aqui aconteceu a 30 do passado.

Em uma das principaes casas d'esta villa, tinham recolhido um menino, creança pobresinha, e affilhado da senhora da casa, tractando-o com muito amor e carinho, do que elle se fasia credor por ser bonitinho, e ter tido a infelicidade no berço ainda, de ter perdido um olho por effeito do sarampo. Achava-se-lhe graça, e sentia-se ao mesmo tempo compaixão quando alguem lhe disia — «ó Antoninho, tu eras bem bonito se tivesses ambos os olhinhos» — e elle respondia com tristesa, na inimitavel e encantadora linguagem infantil — *olhe éte péta, ma éte não péta* — designando um e outro olho.

Estando este innocente de tres para quatro annos de edade, em uma varanda da casa, divertindo-se em bulir n'um balaustre da gradaria, que dá sobre o quintal, e cuja altura é de vinte e septe palmos e meio; como o páo estivesse já podre do tempo, falta de repente e pelo intervallo se enfia o pequeno. Alguem que estava alli ainda lhe lançou a mão, porém ficando-lhe nella o çapatinho foi seu dono volteando pelo ar até por fim dar em baixo em um passadiço de cantaria, onde cahiu sobre o lado esquerdo

— ¡Jesus que desgraça!...

Ao som de tão atterradora exclamação accode a familia da casa, e alguma gente de fóra que alli se achava, perguntando o que era acontecido: responde-se-lhes: —

« Fez-se agora em pedaços o pequeno d'aqui a baixo!

Ninguem tem animo para ser o primeiro a certificar-se do desastre, até que uma criada se resolve; desce a escada: chega ao pé do pequeno que acha estendido sem dar accordo de si, e alagado em sangue; toma-o nos braços, e apenas o levanta do chão principia este a queixar-se, e logo a chorar, perguntando assim que chegou a casa onde estaria o seu çapato!!! Examinado por um facultativo não se lhe encontrou senão um profundo golpe na cabeça, e o corpinho algum tanto magoado: foi curado immediatamente, e d'alli a dois dias estava já cantarolando na cama, e dentro em seis ou septe se achava prompto para outra! mas lembrem-se os que tem obrigação de vigiar creanças, de que nem sempre se verifica o proverbio — *Al niño, y al borracho pone Dios la mano por baixo.*

De V. etc.

*Francisco Antonio Carneiro de Magalhães.*

---

**DIAS SANCTOS.**

4340 Por edital do governo civil em Ponta-Delgada, de 16 de abril ultimo, foi determinado a todas as auctoridades administrativas, que fizessem autuar para todos os effeitos legaes, os logistas e mestres de officio, que nos dias sanctificados estiverem vendendo ou trabalhando á porta aberta.

Egual providencia se tomou na ilha da Madeira por solicitação do respectivo e zelosissimo prelado.

Muito seria para desejar que os bispados do reino imitassem n'isto aos do ultramar; as razões são óbvias e não as repetimos, por se acharem já expendidas nos artigos 2482, 2532 deste jornal.

---

**CURSO PUBLICO E GRATUITO DE MATHEMATICA.**

ANNUNCIO.

4341 M. Chauvet, *Docteur ès sciences*, ex-professor de mathematicas transcendentes na universidade de Buenos-Ayres, antigo director em Paris de uma das escólas preparatorias de mathematica para a admissão á escóla Polytechnica, vae abrir incessantemente um curso gratuito de mathematica, cuja duração será de tres mezes, afim de dar a conhecer os seus methodos de ensino. Este curso comprehenderá, para o diante, tudo o que é util para a applicação d'esta sciencia á

navegação, á arte militar, e ao serviço publico de pontes e calçadas.

Tendo sido discipulo de MM. Lacroix, Poisson e Cauchy, auctores celebres, cujas obras e cujo ensino teem dado á França tantos homens distinctos, M. Chauvet seguirá os methodos d'aquelles seus mestres taes como d'elles os recebeu e como se ensinam no *collegio de França*, e na faculdade das *sciencias de Paris*.

Convida elle pois as familias, que tencionarem que seus filhos sigam estes cursos, para que tenham a bondade de se dirigirem a sua casa, *Lisboa, rua do Jardim do Regedor n.º* 61 B, *segundo andar*, a fim de os matricularem; recebem se as matriculas todos os dias das 2 ás 4 horas da tarde.

---

**ENEIDA.**

4342 Saiu á luz o segundo livro da Eneida de Virgillo, tradusida pelo Sr. José Victorino Barreto Feio.

---

**PLANTAÇÃO DE AMOREIRAS.**

(*Carta.*)

*Alter do Chão 28 de maio de 1845.*

4343 Desejando satisfazer ao louvavel empenho que V. mostrou de saber, para o publicar, quaes as camaras, que fazem plantações d'amoreiras, lhe communico que a d'este concelho, composta dos cidadãos Christovão da Costa presidente, Antonio de Sousa fiscal, e vereadores Joaquim da Costa, Bernardo Caldeira, e Antonio Rozado, fez este anno uma d'amoreiras brancas de perto de mil, que lhe foram generosamente cedidas por Antonio Mendo da sua herdade de *Rui de Castro*, no termo do *Crato*, em um rocio muito proximo da villa, em que existião os restos d'uma lameda de choupos. Está a dicta plantação mui bonita, e ha tenção de a augmentar.

São merecedores os membros da camara dos louvores, não só por isto, mas tambem pelo zelo, disvélo, e desinteresse, que sempre tem mostrado no desempenho de seus cargos.

*J. Barreto Alvim.*

A plantação de amoreiras em boa hora continúa por algumas outras partes. Na ilha Terceira, por exemplo, nos consta que tem ultimamente crescido muito.

---

**BICHO DEVORISTA.**

4344 Folgámos de saber, por cartas de S. Miguel, que merecêra alli approvação a idéa sugerida pelo Exm.º Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, para expugnação do insecto devorista, que tanta assolação já tem feito nos laranjaes d'aquellas partes, preciosas arvores, cujos fructos verdadeiramente se podem chamar fructos de oiro para seus cultores.

Consiste a idéa do illustre sabio em se aclimarem por lá algumas variedades de passaros insectifagos.

---

**DUAS PALAVRAS SOBRE UMA EXCAVAÇÃO FEITA NAS CALDAS DE VIZELLA.**

> Tem-se achado tanques e vestigios d'outros..... construidos em muito remota antiguidade.....
>
> *Tavares, Caut. Pract. sobre as aguas min., part.* 1.ª, *pag.* 51.

4345 N'uma simples excavação promavida pelo zêlo e actividade do *novo banheiro* das antiquissimas *Caldas de Vizella*, situadas no *concelho de Guimarães*, descobriram-se no dia 24 do preterito mez de março, e debaixo da varanda do edificio particular denominado o *hospital*, dois soberbos *banhos* antigos, que são para vêr, tanto por sua extensão, como por sua admiravel construcção marchetada. São mais dois monumentos de summo valor e dignos de toda a estimação, com que novamente são enriquecidas estas mui frequentadas *caldas*, as quaes com toda a plausibilidade se suppõe mandadas construir por *Tito Flavio Archelau Claudiano*, por effeito de sua auctoridade publica sendo *Legado de Augusto na Lusitania*, (como póde colher-se de uma inscripção lapidar, que transcreve *Fr. Bern. de Brito* na *Mon. Lus.*), e ainda no descobrimento de suas numerosas ruinas attestam hoje o grande luxo e extraordinario fausto dos antigos *Romanos*.

Um d'estes magnificos *tanques* distante 2 palmos e cinco oitavos para o S. do antigo *banho da lua cheia* tem de cumprimento 26 palmos e seis oitavos; de largura 13 e seis oitavos; e de altura 4 e seis oitavos. Nas cabeceiras do N. e S. tem tres escadas de 1 palmo de largura cada uma, as quaes tomam toda a largura do banho: e para a parte do L. tem um antigo *aqueducto* de 2 palmos e seis oitavos de largura, o qual se acha dividido do *tanque* por um repartimento d'aquella singular *argamassa romana*, cuja qualidade se torna admiravel por todas as circumstancias que a caracterisam. Este *banho* grandioso é todo marchetado de *moisaco* esbranquiçado; á similhança d'aquellas *orlas* de pedrinhas brancas eguaes ou miudo cascalho, com que os antigos *Romanos* costumavam calçar as suas sumptuosas estradas ou vias militares: e vivamente nos magoamos de vêr que, ao mesmo tempo que este *tanque* nos leva a reconhecer a magnificencia dos *Cesares romanos*, nos patenteie egualmente o grande estado de ruinas a que o levára o longo decurso dos tempos e a triste incuria dos homens.

O segundo d'estes soberbos banhos está na mesma direcção que o primeiro, de que apenas dista uns 5 palmos. É *oitavado*: cada um dos seus lados tem de comprido 5 palmos e quatro oitavos: e a sua altura anda por 4 e um oitavo. O seu fundo, em que da parte do N. e S. assentam tres escadas analogas ás do primeiro *tanque*, é geralmente *marchetado* com *xadrezes* de 2 palmos e meio em quadro: alguns d'elles são todavia maiores e outros mais pequenos; mas todos imitam marmore branco, finissimo, e dão bastantes provas, no seu estado de deterioração, dos muitos seculos que por elles não teem passado de balde.

Esperamos todavia do grande zelo e actividade do *novo banheiro*, cujo caracter assás conhecemos, que todos os meios possiveis serão por elle empregados, para que se conservem estes dois novos *tanques* de tão antiga e tão rica construcção, segundo as miudas informações, que nos correios passados recebemos de nosso cunhado o Sr. *José de Freitas e Oliveira*.

Não póde conhecer-se bem a quantidade das *aguas thermaes*, *sulfureas*, d'estes dois *banhos*, cuja temperatura fôra marcada, por uma só vez, em 100-F.; porque ainda se achavam mettidos em parte debaixo do citado edificio, cuja demolição o bem pu-

blico ardentemente demanda, como já em 19 de julho de 1842 expozemos á Camara Municipal da villa de Guimarães, em cumprimento do seu patriotico officio de 1 de junho de 1842, pelo qual se nos pedia uma indicação de todos os melhoramentos e reparações de que estas *caldas* precisavam.

Com estes dois *novos banhos*, que os *Vizellenses*, com a valiosa coadjuvação da sua camara municipal, esperam poder pôr em estado do publico se utilisar d'elles brevemente, fica havendo agora nas *Caldas de Vizella* vinte e sete nascentes ou origens *d'aguas thermaes sulfureas*, com a variada graduação de 76° até 142° F., sendo tres destas nascentes accommodadas ao uso de *bebida*, *vinte e uma* ao de *banho*, e *tres* ao de *emborcação*; e pela applicação das quaes se tem sempre experimentado numerosas vantagens em todas as variadas doenças em que as *aguas thermaes sulfureas* são convenientemente indicadas, não devendo deixar de *especialisar* a maior parte das *molestias cutaneas*, de que falla o Sr. Fonseca Benevides n'uma sua excellente *Mem.*, inserta no *Tom.* 1.°, 2.ª *Ser.*, *Part.* 1.ª da *Hist. e Mem. da A. R. das Sc. de Lisboa.*

Na *freguezia de S. Miguel das Caldas*, no logar da *Lameira*, ficam do N. a S. o *banho do Moreira* [88° F.], o *banho do quarto crescente* [90° F.], o *banho da lua nova* [87° F.], o *banho das quatro cabeças* [98° F.], o *banho contra-forte* [102° F.], o *banho da lua cheio* [98° e meio F.], o *banho novo* [100° F.], o *banho oitavado* [100° F.], o *banho da meia lua* [102° F.], o *banho do ribeiro* [*Emborc.* — 104 e meio F.], o *banho grande* [104 e meio F.], o *banho da humanidade* [98° F.], o *tanque das pipas* [132° F.] o *banho da bomba* [*Emborc.* — 119° F.] o *banho do S. Miguel* [*Emborc.* — 119° F.], o *banho do provedor* [102 F.], o *banho do sol* [96° F.] e a *bica da Lameira* [Beb. — 134° e meio F.]; e no logar de *Vallemenso* fica o *banho de Vallemenso* [77° F.]. Na *freguezia de S. João das Caldas*, no logar da *Lameira* fica o *banho da Lameira* [91° e meio F.]: no logar do *medico* ou *azenha* fica o *banho do medico* [95° F.], o *banho da porta* [87° F.] e a *fonte dos tres amigos* [Beb. — 84° F.]; e no logar do *mourisco ou poço quente*, ficam o *banho do mouriso co* [97° F.], o *banho baixo* [94° F.], a *fonte do abbade* [Beb. — 82° F.] e o *banho do penedo* [86 e mei- F.].

A indicada graduação d'estas aguas foi por nós marcada em o 1.° de julho de 1842, estando o calor da atmosphera, *á sombra e ao ar livre*, em 88° F. e como indica o resultado d'uma só observação, sómente apresentamos a graduação d'um thermometro, a qual póde facilmente reduzir-se á dos outros por meio da *tabella*, que se acha a pag. 58 da ultima edição do *Codigo Pharmaceutico Lusitano.*

Fazemos os mais sinceros e mais cordeaes votos, para que a actual *camara de Guimarães* mande proceder *immediatamente* a uma excavação regular e bem dirigida, approveitando todos os restos de columnas, aqueductos e maravilhosas construcções de tijôlo e argamassa, os quaes quasi todos os dias se tem desprezado nas *Caldas de Vizella*, e só talvez forão bem avaliados na regularissima excavação alli feita nos annos de 1788 e 1789 sob a sabia direcção do *magistrado vimaranense José Diogo Mascarenhas Netto*, e cujos importantes resultados se acham consignados n'uma sua *Memoria*, inserta no *tom.* 3.° das *Mem. de Litter. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.* O honroso procedimento com que a actual Camara Municipal mandára pedir á junta de parochia de S. Miguel das Caldas o orçamento circumstenciado dos melhoramentos e bemfeitorias, de que mais urgentemente precisavam estas antigas Caldas, já frequentadas depois dos romanos no anno de 1014 por D. *Affonso V.*, Rei de *Leão*, e sua mãe D. *Geloira* (*Estaço, Antiguid. de Port.*), dá-nos a esperar muito de suas patrioticas luzes e de seus grandes recursos pecuniarios.

E para que este nosso patriotico pedido seja accompanhado dos mais felizes e mais vantajosos resultados, efficazmente supplicamos ainda aos *actuaes camaristas*, que, attendendo ás insinuações do *novo banheiro* e de seu ajudante (os Srs. José Alves da Silva Junior e Domingos Alves Teixeira), não sómente se dignem mandar descobrir os antigos *banhos*, *aqueductos* e *passeios* maravilhosos, existentes debaixo do já citado edificio do *hospital*, mas ainda de nenhum modo consintam na renovação das inscripções lapidares, *antigas ou que de novo se acharem*, para que infelizmente se não verifiquem agora as trocas de lettras, mudanças de pontuação e difficuldades de interpretação, que por similhantes permissões milhares de vezes se tem verificado, e de que, por muito conhecido da *actual camara vimaranense*, apontamos sómente um unico exemplo na renovação feita em 1818 da antiga inscripção existente nas Caldas de Sancto Antonio das Taipas ou de Caldellas, sitas no mesmo *concelho de Guimarães*, a qual julgamos ser a mesma de que falla o laborioso *Argote*, *Mem. do Arceb. de Braga*, *tom.* 1.° *tit.* 1.°, e já era conhecida desde os tempos do Dr. João de Barros, pela denominação de *Ara de Nerva.*

Coimbra 12 de abril de 1845.

*J. J. da Silva Pereira.*

---

## DECLARAÇÃO URGENTE.

4346 JÁ depois de lançada esta folha ao prélo, acabamos de saber — que a polida anonyma, publicada no precedente numero, não fôra obra de poeta, nem de litterato, nem de pessoa com quem jámais tivessemos ou possamos vir a ter relações algumas: — bem como que unicamente fôra dictada pelo que hoje se chama em Coimbra, *espirito de tróça*: tróçam na verdade mal os que assim tróçam. Por uma velleidade ruim, que nem se quer por graciosa póde ser perdoada, porque passa de semsabor a demente rasa, expõem a pagar por elles os que não teem culpa. Ainda bem que não chegámos a nomear a pessoa, sobre quem uma serie de presumpções vehementes haviam feito recair as nossas suspeitas. Todavia lhe pedimos publica e humilissimamente perdão: — perdão para nós pelo nosso precipitado juizo, não para os covardes, que o não merecem, como tambem não merecem de castigo mais que o desprêso.

Appressámo-nos de escrever isto, não só como reparação requerida pela honra, mas até como um documento da exacção do que no artigo sobre *cartas anonymas* a pag. 549 deixámos ponderado.

---

## ERRATUM.

A pag. 542 na ultima col. 1.ª lin., onde está *sub-director* — tire-se o *sub*.